

ELEMENTOS HISPÂNICOS DO VOCABULÁRIO LATINO

Neste estudo entende-se por *elemento hispânico* qualquer vocábulo que autores latinos afirmem pertencer aos idiomas da nossa Península (e de que não existam provas em contrário), mesmo que esteja comprovada a sua origem em língua estranha a esta região, pois bastam-nos, para assim o considerarmos, as notícias de que teve uso nela e de que foi por intermédio dos idiomas locais que se verificou a sua entrada em latim. Exemplifica-se este caso com *urium*, helenismo que parece ter tido alguma vida por cá. Considera-se também *elemento hispânico* a palavra de que nada sabemos noutras línguas antigas, nem mesmo em latim, ou noutras regiões de além-Pirenéus, mas que tem documentação antiga na Hispânia, algumas vezes até com representação na Toponímia. É o caso de *nava* e *veiga* (¹).

Se alguns dos vocábulos nestas condições não têm documentação em latim, não poderemos, naturalmente, concluir, por isso, a sua inexistência neste idioma.

De qualquer maneira a presença de hispanismos no idioma do Lácio quere dizer que a este, quando cá chegou, faltavam certos elementos capazes de exprimir verbalmente algumas das idéias adquiridas no contacto com as populações locais, ou que, tendo-os, não os conseguiu impor eficazmente em face da concorrência das formas indígenas, pois estas conseguiram tomar-lhes o passo, torná-los desusados e, finalmente, fazê-los esquecer.

Pelo vocabulário que segue poderemos fazer uma idéia, mais ou menos clara, do que temos em vista com este estudo: verificar as novidades que os Romanos receberam na Hispânia e as actividades a que nela se entregaram.

Verificado o tipo (ou tipos) de vocabulário indígena entrado no idioma dos invasores, não parecerá muito difícil

(1) As palavras nestas condições vão marcadas com asterisco (*).

tentar a formação de uma síntese sobre o carácter da romanização da Península, pelo menos nos tempos mais antigos.

O vocabulário apresentado não tem (porque não pode ter) pretensões a definitivo. A nebulosidade que envolve estes assuntos e a falibilidade das afirmações de alguns autores aqui utilizados (os únicos elementos disponíveis, embora só os utilizássemos nos casos ainda não contestados) não consentem afirmações categóricas e ainda menos conclusões definitivas. Pretende-se, por isso, apresentar aqui apenas algumas informações que, embora curtas, podem constituir, no seu conjunto, pelo menos base de estudo.

*
* * *

Os materiais aqui utilizados, como facilmente se verifica, estão ao alcance de todos, quere isto dizer que este trabalho já há muito que podia e devia estar feito, tanto mais que, apesar da sua importância, não prima pela transcendência, nem peca pela dificuldade.

À parte um ou outro ponto onde se pode encontrar doutrina nova, quase tudo se baseou nas informações do *Dictionnaire Étymologique de la Langue Latine* de Ernout et Meillet e do *Dictionnaire Latin-Français* de Gaffiot. Também bastante se deve aos seguintes livros: Besnier, *Lexique de Géographie Ancienne* (Paris, 1914); Carnoy, *Le Latin d'Espagne d'après les inscriptions* (Bruxelles, 1906); Castro (Américo), *Glosarios Latino-Españoles de la Edad Media* (Madrid, 1936); *Corpus Inscriptionum Latinarum*; Gómez-Moreno, *Sobre los Iberos y su lengua* (na *Homenaje ofrecido a Menéndez Pidal*, III, ps. 475 e segs.); Grandgent, *Introducción al Latin Vulgar* (trad. esp. de F. Moll; Madrid, 1928); Fritz Krüger, *El Dialecto de San Ciprián de Sanabria* (Madrid, 1923); Idem, *Die gegenstandskultur Sanabrias und seiner Nachbargebiete* (Hamburgo, 1925); Lapesa, *História de la Lengua Española* (Escalicer, Madrid, 1942); Lokotsch, *Etymologisches Wörterbuch der Europäischen ... Wörter Orientalischen Ursprungs* (Heidelberg, 1927); M. M. Marrecas, *Noções Elementares de Antiguidades Romanas* (Lisboa, 1872); Meyer-Lübke, *Einführung in das Studium der romanischen Sprachwissenschaft* (Heidelberg, 1909, 2.ª ed.); idem, *Romanisches Etymologisches Wörterbuch* (Heidelberg, 1935); Philipen, *Les Ibères* (Pa-

ris, 1908); Menéndez Pidal, *Manual de Gramática Histórica Española* (Madrid, 1941; 6.^a ed.); idem, *Orígenes del Español* (Madrid, 1929); Savi-Lopez, *Orígenes Neolatinos* (Barcelona, 1935); Simonet, *Glosario de Voces Ibéricas y Latinas usadas entre los Mozárabes* (Madrid, 1888); Sofer, *Latinisches und Romanisches aus den Etymologiae des Isidorus von Sevilla* (Göttingen, 1930) (¹).

1. **Acnua**, f. (?). Nome em latim rústico do *actus quadratus* (²). Cf. *arapennis*. « .in modus acnua latine appellatur », Varrão, *De Re Rustica*, I, 10, 2. *Variant.* — *Agnua* e *agna*.

— Columela (v, 1, 5) atribui o emprêgo da palavra aos *rustici* da Bética, no que concorda com S. Isidoro (« Actum provinciae Baeticae rustici acnuam vocant », xv, 15, 5). Cf. e gaulês *acina* (?).

Trata-se de uma palavra rara e técnica.

Não parece justificável a explicação de Bréal e Bailly: « un mot **acnus*, signifiant «fundus», qui n'existe plus en latin, mais qu'on retrouve en ombrien », *Dict. Étym. Lat.*, s. v. *inanis*.

Bibl. — Sofer, p. 164.

2. **Agogas**, f. Canais usados nas minas para esgotamento de águas. « ...fossae per quas profluat (torrentem) cavantur — *agogas* vocant... », Plínio, *Nat. Hist.*, xxxiii, 76.

— Trata-se de uma palavra grega (*ἀγωγαί*), de que não se conhecem quaisquer vestígios, a não ser aquela abonação.

3. **Amma** (³), f. Palavra da linguagem infantil, não ates-

(1) Nesta sumária bibliografia não se incluem os autores clássicos utilizados, porque o fazemos no fim do trabalho.

(2) O *actus*, propriamente, consistia no espaço de terreno que uma junta de bois podia lavrar num impulso («actus in quo boves agerentur cum aratro uno impetu iusto», Plínio, *Nat. Hist.* xviii, 9). Havia o *actus minimus* — superfície com a largura de quatro pés e o comprimento de cento-e-vinte (Cf. Varrão, *De Língua Latina*, v, 34; o *actus duplicatus* — superfície com o comprimento de 140 pés e a largura de 120; o *actus quadratus*, também chamado *arepennis*, tinha 120 pés em quadrado, isto é, metade da *ieira* (*iugerum*).

(3) Convém não confundir esta palavra com: 1 — *Amma*, top., cidade da Judeia (entre outras povoações, calharam também aos filhos de Simeão «*Amma & Aphec & Rohob: civitates viginti duae, & villae earum*», *Vulgata, Josué*, xix, 30); 2 — Em Palladius (*Hist. monac.*, I, 21, 3.006), *amma* é a transcrição do gr. *ἀμμῆς*,

tada directamente, ao passo que *mamma* aparece nos textos⁽¹⁾. A sua existência supõe-se pelo testemunho das línguas românicas (Cf. REW, 425 e o passo de S. Isidoro dado mais adiante⁽²⁾). 2). — Nome do estige, espécie de vampiro que, segundo os antigos, sugava o sangue das crianças⁽³⁾. «*Strix nocturna...* *Halc avis vulgo amma dicitur, ab amando parvulos; unde et lac praeberet fertur nascentibus*», S. Isid., *Etym.*, XVII, 7, 42.

— Parece tratar-se de uma palavra indígena (Grandgent, § 16) da Hispânia (Sofer, p. 65), donde se formaram os antropónimos *Amma*, *Ammius*, *Ammia*, *Ammianus*, etc. Ernout e Meillet comparam-na com o velho islandês *amma*, avó e o ant. alt. alem. *amma*, «mãe (que amamenta)». O port. e o esp. têm *ama*, *amo*.

Bibl. — Grandgent, *Lat. Vulg.*, § 16; Sofer, pp. 65 e 173; REW, 425.

4. **Apitascudis.** Pó melálico (?). «...quod, effossum est tunditur, lavatur, usitur, molitur, farinam *apitascudem* vocant», Plínio, *Nat. Hist.*, XXXIII, 69.

— Palavra ainda não registada e que o contexto parece indicar como hispânica, embora não se saiba ao certo a que língua indígena pertenceria.

5. **Apoperes**, f. Abóbora de água. «*Cucurbita. Apoperes. Sane pepo, melipepo, ocimum Graeca nomina sunt*», S. Isid., *Etym.*, XVII, 10, 16.

Variant. — *Apopores*.

— Parece tratar-se de uma palavra indígena (Sofer, pp. 118 e 163). Port. *abóbora*, moç. (*a)bobora*, *buebra*.

Bibl. — Sofer, 11, cit.; REW, 529; Simonet, *Glosário*, 1, 49; Pidal, *Origenes*, p. 409.

6. **Arapennis** ou **arepennis**, m. Medida agrária equiva-

(1) «*Mammas atque tatas habet Afra, sed ipso tatarum/Dici et mammaram maxima mama potest*», Marcial, *Epigram.*, I, 100.

(2) Muitas das palavras infantis caracterizavam-se em latim, tal como esta, pela presença de uma consoante geminada: *abbo*, *acca*, *anna*, *atta*, *pappa*, etc.

(3) Cf. Plínio, *Naturalis Historia*, XI, 232. Não parece difícil achar as razões da evolução semântica para o sentido de *feiticeira*, já abonável em Estácio (*Thebais*, III, 503).

lente ao *actus quadratus* e, portanto, à *acnua* (q. v.). Usava-se na Gália e na Hispânia. «Actus quadratus undique finitur pedibus centum viginti... Hunc Baetici *arapennem* dicunt, ab arando scilicet», S. Isid., *Elym.*, xv, 15, 4; «Galli... semiugrum quoque *arepennem* uocant», Columela, V, 1, 6.

— Apesar de Ernout e Meillet aproximarem, embora dubitativamente, a palavra *acnua* (q. v.) do gaulês *acina*, pode, talvez, levantar-se a hipótese de ser pré-romana sim, mas não céltica. *Arapennis* teria essa origem (cf. Sofer, pp. 118, 165 e 176, com excelente e vasta documentação). Custa a acreditar que, no vastíssimo território constituido pelo conjunto da Gália e da Hispânia, se empregassem duas palavras com sinonímia perfeita entre si e, ainda por cima, ambas com origem na mesma língua, *Acnua* e *arapennis* empregavam-se na Bética, mas não existe o mais pequeno vestígio do emprêgo da primeira fora da Península, o que nos faz supor o seu uso circunscrito a esta. A segunda tinha maior extensão geográfica, pois, como se disse, usava-se também na Gália. Talvez se empregassem contemporaneamente⁽¹⁾. Quererá isto dizer que o uso de *acnua* e *arapennis*, na Hispânia, apenas variava no espaço? Seriam vocábulos de emprêgo social diferente?

Resta saber ainda se estas perguntas poderão ter alguma vez resposta segura.

Sobre o destino deste vocábulo nas línguas românicas, cf. *REW*, 634.

Bibl. — Sofer, pp. 118, 164 e 176; Marrecas, *Antig.*, p. 111.

7. **Arrugia**, f. Galeria de mina, especialmente de ouro. «Cuniculis permagna spatia actia cauantur montes... *arrugas* id uocant», Plínio, *Nat. Hist.* xxxiii, 70. Cf. mesmo liv., 77.

— A quantidade da penúltima sílaba deduz-se das línguas românicas (*REW*, 678). Esta palavra só se documenta no passo acima citado de Plínio, por onde se conhece também a sua possível origem hispânica. Nenhuma informação colhi sobre a sua origem provável. Está muito representada na România. Formas modernas: port. *arroio*; esp. *arroyo*. Na Suiça, no veneziano, no francês, etc.

(1) Os presentes do indicativo de Columela e S. Isidoro não deixam acreditar noutra coisa.

Bibl. — Philipon, *Les Ibères*, p. 261; *REW.*, 678.

8. ***Artus**, m (?).

— Documentável no cast. *arto*, espinheiro, e no astur. *artu*. *REW.*, 690. Nada mais se sabe desta palavra.

9. **Baia**, f. O mesmo. Esta palavra apenas se documenta neste passo de S. Isidoro: «Portus... dictus a deportandis commerciis, idunc, ueteres a baiulandis mercibus uocabant *baias*, illa declinatione a *baia*, *baias* ut a familia, familias» (xiv, 8, 40). Pergunta Meyer-Lübke (*REW.* 882) se não se trata de uma palavra ibérica, mas, segundo Ernout e Meillet (*Dict. Etym.*, s. v.) parece que ela se deve a um erro de S. Isidoro. Tomou por um nome comum o do porto de *Baiiae*, segundo a glossa de Servius, *ad Aen.* IX, 707... «ueteres tamen portum *Baias* dixisse».

Bibl. — *REW.* 882; Sofer, p. 32; *ZrPh.*, XXXIII, p. 492.

10. ***Balsa**, f. Pântano.

— É *REW.* (917) que dá aquela significação. Nada também nos garante o seu carácter hispânico. Pensa-se nêle em consequência dos vestígios que ela deixou em port. (*balsa*, forma também castelhana) e em cat. *bassa*, e pelo facto de ter havido na Lusitânia uma cidade com o mesmo nome no sítio onde, segundo parece, se ergue hoje Tavira. Aludem a este top.: Plínio, *Nat. Hist.*, IV, 116; Mela, III, 7; Marciano, II, 13; *Itin. Antonino*; o Geógrafo de Ravena e ainda o *CIL.* II, p. 4, 691 e 785.

Haverá alguma relação semântica entre o top. e o subst.?

Bibl. Gómez Moreno, *Sobre los Iberos*, p. 499; Besnier, *Lexique*, s. v.; Wagner, *En torno a las «Etim. Esp.» de G. Rohlfs* (*REF.* XI), p. 278, nt. 1; *REW.* 917.

11. **Balux, ūcls**, f. Areia de ouro. «...palagas, alii palacurnas iidem quod minutum est *balucem* uocant», Plínio, *Nat. Hist.*, XXXIII, 77; «Illinc *balucis* malleator Hispanae/Tritum nitenti fuste verberat saxum», Marcial, *Epig.*, XII, 57, v. 9.

Var. — *Bal(l)uca* (*Vegécio*, I, 20, 3).

— Não se justifica o parentesco, sugerido por Philipon, entre esta palavra e *palux*. O esp. tem *baluz*.

Bibl. — Philipon, *Les Ibères*, p. 191; *REW.* 920.

12. ***Barranca**, f. Desfiladeiro, quebrada.

— «Die eigentliche Heimat des Wortes ist die iberische Halbindel, die Ausstrahlung in den Ostalpen auffällig und schwach Wartburg», *REW*, 963 a. Regista-se esta palavra sob reserva.

13. ***Barrum**, n. (?). Terra argilosa.

— Palavra bem representada na România ocidental. Meyer-Lübke (*REW*, 965) julga-a hispânica.

14. **Cama**, f. Leito. Os únicos passos abonatórios conhecidos são os de S. Isidoro: «Camisias vocari quod in his dormimus in *camis*, id est in stratis nostris», XIX, 22, 29; «*Cama* est brevis et circa terram; Graeci enim breve dicunt» XX, 11, 2.

— Não parece muito aceitável o étimo grego; será mais crível uma origem ibero-céltica (Sofer, 164). Sobre a difusão desta palavra na România, cf. *REW*, 1537.

Bibl. — Sofer, pp. 121 e 164; *REW*, 1537.

15. ***Candaros**, Deserto, estéril. Branco. Cf. *manna*.

— Formas modernas: port. *gandra*, tronco branco da urze, *gândaros*, *cândaros*, ramo seco, minh. *candeiro*, ramo seco de carvalho (infl. de *candeia*); transm. *candeeita* (tronco seco de urze que serve para acender).

Bibl. — Krüger, 101.

16. **Canthus**, m. l. — Círculo de ferro que envolve a roda; 1. — «Si quis Afrum vel Hispanum Latinæ orationi nomen inserat, ut ferrum, quos notæ vinciuntur, dici solet *canthus*», Quintiliano, *Inst. Orat.*, I, 5, 8; 1. — Roda. 2. — «Nam quamvis prope te, quamvis temone sub uno / Vertentem sese frustra sectabere *canthum*, / Cum rota posterior curras, & in axe secunda...», Péreiso, V, v. 71.

— Quintiliano considerava, pois, este vocábulo africano ou espanhol, mas, segundo Ernout e Meillet (*Dict. Etym. de la lang. Latin.*, s. v.) deve ser gaulês ⁽¹⁾.

(1) Em fr. arc. havia *échanter* (apoiar sobre o lado): «Puis feist *achanter* Ses toneaus et bien reliez», Péan Gatineau, *Vie de S. Martin*, p. 102. Em Trás-os-Montes existe *canrelas* e no Minho *cartelas*, carro de rodas.

17. **Caracutium**, n. Carro de rodas muito altas. «*Caracutium* vehiculum altissimarum rotarum, quasi carrum acutum», S. Isid., *Etym.*, XX, 12, 3. Var. *carracutum*.

— Tal como *carrus*, donde deriva *car(r)acutium*, devia esta palavra ter um uso que ultrapassava os Pirenéus, tanto mais que as palavras latinas designadoras dos veículos de transporte têm, geralmente, origem gaulesa. Citem-se, como exemplos, *carrus*, *carpentum*, etc., com as quais *caracutium* pode estar aparentada. Mas como as abonações de autores não-peninsulares nos faltam, registamo-la neste trabalho. Covarrúbias dá-a como étimo do esp. *carricoche*.

Bibl. — Sofer, p. 165.

18. ***Carium**. Pedra, rocha.

— Formas modernas: cat. *quer*: Rossilhão *ques*; Toledo *quero*, etc. Cf. basco *harri*, pedra, possivelmente de **karri*, donde **carium*. Cf. *REW*, 1696 a.

19. **Carrasca**. Carvalho.

— Formas modernas: esp.-port. *carrasca*, sanabr. *carrascos*, lenha para queimar. — *REW*, 1718 a; Krüger, 13,6.

20. **Corrugus**, m. Canal de lavagem na metalurgia. «...flumina ad lavandam hanc ruinam iugis montium obiter duxere a centesimo plerumque lapide — *corrugos* vocant», Plínio, *Nat. Hist.*, XXXIII, 74.

— Sendo hispânica, o grupo *-orr-* talvez a indique como ibérica.

21. ***Cottus**. — Outeiro, colina, eminência.

— Formas das línguas modernas: cast. do N., leon., astur. *cuelo*, port. arc. *coto*.

Bibl. — Pidal, *Orígenes*, 432; *REW*, 2587 a.

22. **Cuniculus** (¹), m. 1. — Coelho. 1. — Varrão, *De Re Rus-*

(1) Ao contrário do que pode parecer à primeira vista, a palavra *cuniculus* não é um diminutivo latino. Observa-se nela facto semelhante ao que em português se verifica com *rosmaninho*.

Trata-se certamente de um estrangeirismo, pois não há nome indo-europeu para o «coelho» (Ernout e Meillet, *Dict. Etym.*, s. v. *cuniculus*). É natural que se trate de um hispanismo, não só porque, neste ponto, se conta com o testemunho

tica, III, 12, 6; Cinaede Thalle, mollior *cuniculi* capillo, vel anseris medullula...», Catulo, 1,25. «M. Varro auctor est a *cuniculis* suffossum in Hispania oppidum», Plínio, *Nat. Hist.*, VIII, 104; «leporum generis sunt et quos Hispania *cuniculos* appellat, fecunditatis innumerare famemque Balicarum insulis populatis messibus afferentes», Plínio, *Nat. Hist.*, VIII, 217. 2. — Covil; galeria de mina. — «Quid si pater fana expilet, *cuniculos* agat ad aerarium», Cicero, *De Officiis*, III, 90; «Alterum deinde transit lacum qui Thespites appellatur rursusque in *cuniculos* mergitur», Plínio, *Nat. Hist.*, VI, 128; «Illi alias eruptione temptata, alias *cuniculis* ad aggerem vineasque actis... ubi diligentia nostrorum nihil his rebus profici posse intellexerunt», César, *De Bel. Gal.*, III, 21, 3; «...*cuniculis* venae fontis intercisa sunt...», Hirtius, *De Bel. Gal.*, VIII, 43,4.

— A linguagem militar deu grande saída a esta palavra, embora também se conservasse nas línguas românicas com o outro sentido (REW, 2397). Os derivados eram numerosos: *cunicularius*, *cunicularis*, *cuniculosus*, *cuniculator*.

Apesar de ter o aspecto de deminutivo, não parece que esta palavra possa ser vernácula em latim, nem mesmo se acredita na origem em qualquer língua com êle aparentada, pois, como se sabe, não há nome indo-europeu para o coelho (Ernout e Meillet, *Dict. Etym.*, s. v.). Deve tratar-se, por isso, de uma palavra ibérica; a terminação *-ulus* talvez aparecesse por analogia. Ver nota da página anterior.

Não parece difícil relacionar os dois sentidos do vocabulário latino.

23. **Dureta**, f. Celha de banho. «...contentus hoc erat, ut insidens ligneo solio, quod ipse hispanico verbo *duretam* vocabat», Suetônio, *Augustus*, cap. 82.

— A única razão que nos leva admitir a origem hispânica

de Plínio, mas também porque, segundo parece, a Antiguidade ligava, por vezes, à Península a idéia de «coelho» (Cf. Herenlano, *Hist. de Port.*, I, p. 48). Esta palavra teve grande vitalidade em latim vulgar como o prova a sua expansão: port. *coelho*, gal. *coello* e *coenllo*, cast. *conejo*, cat. e val. *conill*, vasc. *conejua*, fr. arc. e prov. *connil* e *connin*, ita. *coniglio*, bret. *konikl*, *kunigl*, koulir, brit. ant. *kuningen*, irl. *kuinin*, al. *kaninchen*. Nem todas as línguas românicas a receberam, pois o romeno tem a expressão *lepor de casa* e o fr. mod. *lapin*, de origem desconhecida, embora não pareça despropositada a aproximação com o port. *liparo*.

deste vocábulo consiste no depoimento de Suetônio, acima transcrita.

24. **Gammus**. Espécie de veado.

— Aparece apenas nas Glossas e está representado nas línguas hispânicas (*REW*, 3668). Será, na verdade, vocábulo oriundo de qualquer das línguas pré-romanas da Península? Lembra ao mesmo tempo *camox* e *dammus* (Ernout e Meillet, *Dict.*).

25. **Gangadia**, f. Espécie de argila das minas. «...est namque terra ex quodam argillae genere glarea mixta-gangadiam vocant», Plínio, *Nat. Hist.*, XXXIII, 72.

— No passo citado, Plínio parece ter em vista os *Hispani*. Trata-se de um vocábulo estranho ao latim; nada se sabe, porém, quanto à lingua originária.

26. **Gurdus**, adj. Grosseiro, estúpido, desajeitado. Palavra vulgar. «Hic est ille *gurdus*, quem ego Me abhinc duos menses ex Africa», Laberius, 13 (Cf. Aulo Gélio, *Noct. Att.* XVI, 7); «... *Gurdos* quos pro stolidis accipit vulgus, ex Hispania duxisse originem audivi», Quintiliano, *Inst. Orat.*, I, 5, 57.

— A única informação sobre a origem desta palavra é-nos dada pelo passo citado de Quintiliano. Assinala-se, porém, o címbrio *gordd*. Passou às línguas românicas, onde está bem representada (*REW*, 3920).

27. **Ida**, f. Território, região. Palavra considerada ibérica por Ernout e Meillet, *Dict. Etym. de la lang. latine*, s. v.

28. ***Isar**. Cabra do monte.

— Formas das línguas modernas: prov. *uzar(n)*; gasc. *izar(l)*; cat. *isart*; bearn. *sarri*; arag. *sarryo*. Possivelmente palavra ibérica (*REW*, 4548).

29. ***Jauga**. Tojo, giesta.

— Muito duvidoso o iberismo desta palavra, assim como as relações entre as citadas no *REW*, 4579.

30. **Lancea**, f. Arma ofensiva. «*Lancea* est hasta, amen-tum habens in medio: dicta autem lancea, quia aequa lance,

id est, aequali amento ponderata vibratur», S. Isidoro, *Elym.*, xviii, 7. «... ceteri, ut quemque casus armaverat, sparios aut *lanbeas*, alii praeacutas sudis portabant», Salústio, *Catilina*, lvi, 3; «Commius incesum calcaribus equum conjungit equo Quadrati *lanceaque* infesta magnis viribus medium femur ejus trajicit», *De Bell. Gal.*, viii, 48, 5. Cf. Também Nonius Marcellus, 799, 2;

Var. — *Lancea* (Gloss.).

— Trata-se, na verdade, de uma palavra estranha ao latim, embora não possamos dizer categoricamente qual a origem. Os próprios latinos não estavam de acôrdo: Festo (105, 17) aproximava-a do gr. *λόγχη*, ao passo que Varrão (A. G. 15, 30) acreditava numa origem hispânica. Ernout e Meillet (s. v.) parecem preferir uma origem céltica, o que não contradiz completamente a opinião do último escritor romano citado.

De qualquer maneira esta palavra teve largo uso. Verificamos isso não só na larga representação que deixou na România (Cf. *REW*, 4878), mas também no grande número de derivados, quase todos tardios *lanceatus*, *lanceare*, *lanceola*, *lanceolatus*, *lancearius*, *lancarius*, *lanceator*.

Bibl. — Philipon, *Les Ibères*, p. 190; *REW*, 4878.

31. **Laurices**, m. Coelhinhos tirados à mãe. «Fetus uentri (cuniculum) exsectos, uel uberibus ablatos, non repurgatis interaneis... *laurices* uocant (Hispani)», Plínio, *Nat. Hist.* viii, 81.

— Apenas no pl. Não se conhece a etimologia; o único testemunho que até nós chegou da sua origem hispânica é o passo citado de Plínio

32. **Lausia**, f. Ardósia, pedra chata, «*Lapides lauseae*», *Ephemeris epigraphica*. iii. 181. Cf. Carnoy, p. 258.

Var — *Lansea* (Cf. Meyer-Lübke, *Einführung*, § 35), *Lousa* (Savi-Lopez, p. 265).

— Ernout e Meillet (*Dict. Etym.*, s. v.), abonando-a também só com textos epigráficos, dizem estas palavra gaulesa ou ibérica. O mesmo fêz Meyer-Lübke no *REW*. As formas românicas (por *lousa*, esp. *losa*, cat. *llosa*, prov. *lausia*, piem. *loza*⁽¹⁾) mostram a extensão geográfica que o vocábulo ocupou.

(1) O francês tem *losange* que se supõe ser um derivado d'este vocábulo.

Bibl. — Carnoy, pp. 255, 258; Lapesa, p. 25; Meyer-Lübke, *Einführung*, § 35; idem, *REW*, 4946; Savi-Lopez, p. 265.

33. ***Manna**. Estéril (dizia-se de mulheres e de animais). Cf. *candaros*.

— Formas nas línguas modernas: bearn. *Mane*, basco *mana*. Deriv.: cast. *manera*, mulher estéril; port. *maninho*. Cf. *REW*, 5307 a.

34. **Mantum**. Manto. Palavra hispânica, segundo Probo; «*mantum* Hispani uocant, quod manus tegat tantum: est enim breue amictum», S. Isidoro, *Etym*, xix, 24, 15.

— Julga-se êste vocábulo hispânico apenas pelos testemunhos dos autores citados.

35. ***Nava**. Campo raso. Esta palavra só se abona na Toponímia e mesmo nesta não é muito abundante.

— Só devia ter entrado no latim hispânico; faltam-nos, porém, documentos antigos comprovativos. O desconhecimento dos idiomas primitivos da Península não nos permite também assegurar que se trata de uma forma indígena, embora tudo de que podemos dispor o indique.

Bibl. — Baist, *Festschrift Vollmöller*, 251; Lapesa, *Hist.*, p. 24; Meyer-Lübke, *Einführung*, § 230, p. 222; Savi-Lopez, *Origenes*, p. 265.

36. **Palacurna**, f. Lingote de ouro. «... inveniuntur ita massæ, nec non in puteis et denas excedentes libras, palagas, alii *palacurnas*...», Plínio, *Nat. Hist.*, xxxiii, 77.

Var. — *Palacrana*, *palaga*.

— Cf. *Balux*. O espanholismo desta palavra deduz-se do texto de Plínio.

37. **Paramus**, m. Planalto inculto. «... in æquore *parami* vicit», *CIL*, ii, 2660.

— Carnoy, tendo em vista a significação moderna da palavra em espanhol, crê num pleonasmo na frase acima citada. O passo apontado, excluindo a forma moderna, é o único vestígio desta palavra hispânica. Aparece nos élle numa inscrição votiva em que um certo Túlio oferece a Diana os cornos de um cervo morto *in æquore parami*. Como os templos daquela deusa se encontravam nos cimos de elevações de ter-

reno, não parece impossível admitir a tradução: no alto do planalto, isto é, que o animal não morrera nas encostas, mas sim na parte plana que constituia também o cimo. Este texto, achado em Leão, data dos tempos do Imperador Adriano (117-138 d. C.). Parece tratar-se de uma palavra característica da topografia hispânica (Savi-López), embora não tenha aspecto ibérico. Segundo Lapesa, deve pertencer à língua ilírio-ligure falada pelos povos que habitavam o Oeste da meseta setentrional. Meyer-Lübke (*REW*) di-la «Kelt.-iber.».

Philipon procurou, com mais engenho que verosimilhança, aproximá-la do sansc. *parama*, de sentido assaz próximo.

Bibl. — Carnoy, *Insc.*, pp. 256-257; Lapesa, p. 25; Philipon, *Mélanges d'Arbois de Jubainville*, p. 268; idem, *Les Ibéres*, p. 191; Savi-López, p. 265; *REW*, 6228.

38. *Perro. — Cão.

— Não se conhece qualquer forma desta palavra anterior ao período românico. Aventa-se uma origem hispânica; Meyer-Lübke (*Gram.*, I, 47; *REW*, 6449; *ZrPh.*, xxiii, 199) lembrou o ibérico; Donkin propôs, com dúvida, o céltico, porque, segundo ele, no país de Gales emprega-se comumente esta palavra para designar o cachorro.

39. **Salpuga**, f. Formiga ou aranha venenosa. «Quis calcarie tuas metuat, *salpuga*, latebras?», Lucano, *Pharsalia*, IX, 837; «Est et formicarum genus venenatum, non fere in Italia, *solipugas* Cicero appellat, *salpugas* Baetica, his vesper-tilionis cor contrarium omnibusque formicis», Plínio, *Nat. Hist.*, xxix, 92; «*Salpuga* serpens est quae non videtur», S. Isidoro, XII, 4, 33.

Var. — *Salpinga*, *salpinta*, *salpunga*, *salputa*, *solifuga* («Est in Sardinia animal peregrinum, aranei forma, quae *solifuga* dicitur, quod diem fugiat», S. Isidoro, XII, 3, 4; «(Sardinia)... in ea neque serpens gignitur... sed *solifuga* tantum, animal exiguum hominibus perniciosum», S. Isidoro, XIV, 6, 40; «Sed quod aliis locis serpens, hoc *solifuga*, Sardis agris, animal peregrinum aranei forma, *solifuga* dicta quod diem fugiat...», Solino, 46, 15), *solipuga* (...citra Cynamolgos Aethiopas late deserta regio est a scorpionibus et *solipugis* gente sublata...», Plínio, VIII, 101; «Et legumini-bus innascuntur bestiolae venenatae quae manus pungunt

et periculum vitae adferunt, *solipuganum* generis...», id., xxii, 163. Cf. Cicero, *Fragmenta*, i, 12), *solipugna* («*Solipugna*, genus bestiolae maleficae, quod acrius concitatusque fit ardore solis, unde etiam nomen traxit», Festo, 389, 4), *Solipunga* («*Solip unga* (sic) genus bestiola maleficae, quod acrius, concitatusque fit feroore solis, à quo nomen traxit», Vérrio Flaco, 185,56; Sex. Pompeu Festo (438,35) repetiu as palavras do passo antes citado).

— Nada nos garante que êste vocáculo seja hispânico. O passo de Plínio não nos indica a origem, mas sim a forma usada na Bética. A abonação de Lucano (n. 38 d. C., em Córdova, na Bética precisamente) corrobora essa informação. Como vimos, as variantes abundavam, graças à ação da etimologia popular. Cícero conheceu uma delas, o que prova uma relativa antiguidade no uso da palavra.

Quanto à origem nada se sabe.

Podemos só dizer ao certo que se trata de um vocáculo pré-romano de uso talvez maior no tempo do que no espaço, embora êste não fosse também pequeno; os povos hispânicos empregaram-no muito. Os passos de Lucano, Plínio e S. Isidoro bem o provam.

Bibl. — Sofer, pp. 58 e 59.

40. *Sappus. Sapo.

— Esp. e port. *sapo*, arag. *zapó*. Port. *sapal*. Meyer-Lübke julga esta palavra hispânica (*REW*, 7593).

41. **Sarna**, f. Mesma coisa. «*Impetigo est sicca scabies prominens a corpore cum asperitate et rotunditate formae. Hanc vulgus sarnam appellant*», S. Isidoro, *Etym*, iv, 8, 6. Cf. ainda: Hübner, *Mon. Ling. Iber.*, p. LXXXIII.

Var. — *Sarma* (Sofer, p. 154), *zerna* (id.).

— Parece, na verdade, tratar-se de um hispanismo, embora pareça muito estranho o facto de o basco possuir a palavra, mas importada do castelhano (Cf. Schuchardt, *ZrPh.*, xxix, p. 162 e segt.).

Formas românicas; port., cast. *sarna*; campid. *zerra*, lugud. *aterra*, etc. Cf. Jud, *Romania*, XLIII, p. 194.

Bibl. — Gomez-Moreno, p. 499; Jud, *Romania*, XLIII, p. 455; Philipon, *Les Ibères*, pp. 190, 192; *REW*, 7611; Savi-Lopez, p. 264; Schuchardt, *ZrPh.*, xxix, p. 562; Sofer, pp. 154, 177.

42. **Scoria**, f. Escória, restos de metais em fusão. «...argentum quod exit a fornace sudorem, quae e camino iactatur spurcitia in omni matallo *scoria* appellatura», Plínio, *Nat. Hist.*, XXXIII, 69. Cf. também Palladius, I, 41, 3.

— Trata-se de grego *oxepia*. Cf. *REW*, 7739.

43. **Segutillum**, n. Índicio de jazigo de ouro. «Aurum qui quaerunt ante omnia *segutillum* tollunt, ita vocatur indicium», Plínio, *Nat. Hist.*, XXXIII, 67.

Var. — *Segulum*, cf. esp. *segullo* (*REW*, 7790).

— Ernout e Meillet dizem que se trata de um «mot espagnol d'après Pline, qui est le seul à l'employer». Não encontrei também outro passo além do citado, onde nada se diz claramente sobre a língua originária do vocábulo, mas, na verdade, no capítulo onde ocorre aquèle passo, a Hispânia merece-lhe atenção especial; se o aproximarmos de *talutium* (q. v.), a hispanidade desta palavra aparece-nos com maior clareza.

Bibl. — *REW*, 7790.

44. **Talutium** ou **Talutatium**, n. Índicio superficial da presença de ouro no subsolo. «Cum ita inventum est in summo caespite, *talu(ta)lium* vocant, si et aurosa tellus subest. Cetero montes Hispaniarum aridi sterilesque et in quibus nihil aliud dignatur huic bono fertiles esse cognuntur», Plínio, *Nat. Hist.*, XXXIII, 67.

— Trata-se, conforme se pode deduzir do passo citado, de um hispanismo, mas nada se sabe ao certo quanto ao seu idioma originário. *REW* diz que se trata de uma forma gaulesa.

45. **Tautanus**, i. m. Cadeia, clava. «Clava... Haec et cateia, quam Horatius caiam dicit. Est enim genus Gallici teli ex materia quam maxime lenta... Huius meminit Vergilius dicens (Aen., VII, 741): Teutonico ritu soliti torquere cateias. Unde et eos Hispani et Galli tautanos (var. *teutones*) vocant», S. Isidoro, XVIII, 7, 15.

Var. — *Tautonos*, *teutanos*, *teutonos* (Sofer, p. 46).

— No passo transcrito, S. Isidoro diz a palavra empregada por Iberos e Gauleses e parece que ela ainda se empregava no seu tempo (q. v. o *vocant*).

Poderíamos pensar num celticismo, tendo em vista a área geográfica do vocábulo, mas, pelos elementos citados no livro de Sofer (p. 46), não parece difícil ver nêle uma forma ibérica, porque, segundo Zupitza (*Z. f. celt. Philol.*, III, 275, 591) e Pedersen (*Vergleichende Grammatik der keltischen Sprachen*, I, § 37, 1), o *au* ibérico corresponde a *ou* em céltico, tendo passado pela forma intermediária *eu*. Em vista dêste facto, não parece difícil pensar no iberismo de *tutanus*, ao passo que as variantes *teutanos* e *teulenos* revelam já influência céltica; elas seriam o estado anterior dos modernos **toutanos* ou **toutonos*.

Bibl. — Sofer, 46, 171; Philipon, *Les Ibères*, pp. 25 e 160; Pedersen, *Gram.*, I, § 37, 1.

46. ***Tautia**. Mata, bosque.

— Port. *touça*. Cf. *REW*, 8602.

47. **Tunna**, f. Pele das frutas; superfície das águas.

— Meyer-Lübke e, baseado nêle, Savi-Lopez dizem esta palavra gaulesa (*gallisch*, no texto alemão), querendo talvez dizer céltica. O galego-português *tona* é até o único vestígio românico da forma *tunna* que tem como equivalentes modernos o címbrio *ton*, pele, pericarpo, couro, superfície e o irlandês central *tonn*, superfície, mão.

Nada nos prova a sua existência em todo o império lingüístico dos Celtas, embora ela não causasse estranheza.

De qualquer maneira esta palavra apresenta probabilidades de origem céltica, o que a pode dizer pré-romana; a sua existência actual nos romances prova-nos que entrou no latim hispânico.

Bibl. — Meyer-Lübke, *Einführung*, § 34; id., *REW*, 8987; Savi-Lopez, *Orígenes*, p. 262.

48. ***Uaica**. Terreno junto de rio; planicie fértil. Não existe documentação, que se saiba, da época latina; as abonações só aparecem a partir do século X: «Concedimus inter ambos riulos sabadelli vilar sico ueiga anta et eclesiola», ano de 960 (*Dipl.*, p. 51); «Et illuc in extremis uillas nominatas... ueiga integras...», ano de 1059 (*Dipl.*, p. 262). Em cast. tinha, nos sécs. X e XI, as formas *vaica* e *vaiga* (Lapesa, p. 24). Cf. *Glos. Lat. Esp.*, (ed. Américo Castro), pp. 28 e 117.

— Apesar da ausência de documentação latina, podemos

afirmar a antiguidade desta palavra. Basta lembrar que, nas abonações mais antigas que possuímos, emprega-se quase sempre como topónimo, o que pode comprovar a hipótese de esta palavra pertencer a qualquer idioma pré-romano. Menéndez Pidal di-la *ibérica* (*Gram. Hist.*, p. 15) e até a decompõe nos elementos *vai*, rio + *-ka*, região do rio. A existência de um basco *ibaiko* (¹), faz supor uma procedência que não é nem a latina, nem a estrangeira, mas anterior a qualquer delas. Por aqui parece fácil rejeitar a doutrina de Schuchardt (*ZrPh.*, XXXIII, pp. 462-468): segundo o eruditíssimo lingüista, o port. *veiga* e o esp. *vega* derivam directamente da citada forma basca.

Bibl. — Baist, *Vega und Nava*, na *Homenagem a Vollmöller*, p. 251 e segs.; Jud, *Dalla storia delle parole lombardo-ladine*, no *Bulletin de dialectologie romane*, III (1911), p. 12; Lapesa, *Hist. de la Lengua Española*, p. 24; Menéndez Pidal, *Cantar de Mio Cid*, II, pp. 501-502; idem, *Gram. Hist. Esp.*, p. 15; idem, *Orígenes del Español*, § 13; Meyer-Lübke, *Einführung*, § 230, p. 222; Savi-Lopez, *Orígenes*, p. 265; Schuchardt, *ZrPh.*, XXIII e XXXIII, pp. 463-468.

49. **Uipió, ônis**, m. Pequeno gru, pássaro. «...item *uipiones* sic uocant minorem *gruem*», Plínio, *Nat. Hist.*, X, 135.

— O passo transcrito constitui a única abonação conhecida d'este vocabulo. É nêle que se encontra também a indicação da sua origem balear.

50. **Urium**, n. Terra que envolve o mineral. «...et si fluens amnis lutum importet, id genus terrae *urium* uocant», Plínio, *Nat. His.*, XXXIII, 75.

— Esta palavra, entrada possivelmente no latim pela Hispânia, tem origem grega: de ὄψος. Não há notícia do seu emprêgo em qualquer outro ponto da România.

Dos hispanismos documentáveis em latim reunidos neste trabalho, nenhum sai da simples materialidade, nenhum diz respeito a qualquer abstracção. O seu número, não muito elevado, mostra como a romanização da Península se fez eficientemente e de tal maneira que só em casos especiais os idiomas indígenas conseguiram fazer-se valer perante o dos invasores,

(1) O *REW* (9126 a) diz basca a palavra *vaica*.

DISTRIBUIÇÃO DAS ACEPÇÕES DOS VOCÁBULOS POR ASSUNTOS

	<i>Corografia</i> : Baia, balsa, baranca, barrum, carium, cottus, ida, lausia, nava, paramus, tautia, uaica	12
1 — Ambiente Natural	<i>Fauna</i> : amma ² , cuniculus ¹ , gammus, isar, laurices, manna, perro, salpuga, sappo, uipio	10
	<i>Flora</i> : apoperes, artus, carrasca, jauga, tunna	5
		27
2 — Mineração de Ouro	agogae, apitascudis, arrugia, balux, corrugus, cuniculus ² , gangadia, palacurna, scoria, segutilum, talutium, urium	12
3 — Utensílios	<i>Usos domésticos</i> : cama, dureta, mantum	3
	<i>Carro</i> : canthus, caracutim	2
	<i>Armas</i> : lancea, tautanus.	2
	<i>Medidas</i> : acnua, arapennis	2
		9
4 — Homem	Amma ¹ , gurdus, manna, sarna	4
5 — Adjectivo	candaros	1
	Total	53

mas apenas para lhe impor umas dezenas de vocábulos, a maior parte dos quais de uso restrito e vida efémera.



Os três primeiros grupos (os mais ricos) do quadro da *Distribuição das Acepções dos Vocábulos por Assuntos* mostram o carácter estável da romanização da Hispânia. Dizem respeito ao *Ambiente Natural*, à *Mineração do Ouro* e a *Utensílios*; mostram-nos êles também que os Romanos vieram encontrar ambiente novo e que os indígenas conseguiram dar a conhecer aos invasores alguma coisa que os seus olhos nunca tinham visto.

Muitos dos vocábulos do primeiro grupo têm representação nas línguas modernas; que se saiba⁽¹⁾, dêle só não passaram *ida*, *jauga*, *laurices*, *salpuga* e *nipio*, isto é, num total de 27 palavras, 22, pelo menos, conseguiram chegar aos nossos dias. Anotemos a percentagem aproximada: 80 %, o que prova a vida intensa destes elementos.

Já no que toca a *Utensílios* a percentagem não chega tão longe, pois só *cama*, *mantum*, *lancea* e *arapennis*, isto é, 4 em 9, passaram às línguas modernas.

Se o ambiente peninsular reservava algumas novidades aos Romanos⁽²⁾, o mesmo não podia acontecer neste assunto, pois é nêle que se encontra o maior número de dúvidas quanto ao hispanismo dos vocábulos apresentados. É que no capítulo *Utensílios* surgem três aspectos desde cedo dignos de especial interesse por parte dos invasores: as *armas*, as *medidas* e o *carro*. Dêstes três, o último, tão necessário a um exército em campanha, parece ter em latim carácter ainda mais acentuadamente estranho, pois «os Romanos, povo sedentário de proprietários cultivadores da terra, não possuíam os grandes carros de quatro rodas onde os grupos de conquistadores gauleses transportavam as suas bagagens e que, de noite, serviam para rodear o acampamento. Tiraram o nome dos Gauleses, cuja acção na Itália contribuiu para os livrar da ameaça etrusca. *Currus*, nome do antigo carro de guerra,

(1) Baseamos as nossas afirmações no *REW*.

(2) Cf., por exemplo, Victor Chapot, *Le Monde Romain*, p. 188.

subsistiu em latim no uso oficial. Mas os nomes latinos de veículos de transporte derivam, geralmente, do gaulês»⁽¹⁾. Cf. o que se disse s. v. *caracutium*.

A terminologia da *Mineração do ouro*, por sua vez, apresenta-se com elementos de hispanismo menos problemático, e o quantitativo dos vocábulos registados surpreende se o compararmos com cada um dos outros grupos. Se não supera o *Ambiente Natural*, consegue exceder o dos *Utensílios*, com o qual forma o bloco de todos os vocábulos da nossa lista relativos a terminologias de actividades materiais.

Destes elementos «mineiros», só cerca de um terço conseguiu chegar às línguas modernas e mesmo esse viu alargar o sentido de quase todos os seus componentes, o que os fêz perder o seu tipo especial.

Por aqui se deduz que os elementos hispânicos entrados em latim, relativos a esta actividade, não tiveram destino muito próspero, talvez em consequência do enfraquecimento da exploração das minas auríferas peninsulares⁽²⁾, embora, de qualquer maneira, não possa haver dúvidas, pelas informações que este estudo parece poder fornecer sobre o papel que elas representaram na romanização da Península.

Estas palavras deviam ter entrado relativamente cedo em latim, como se verifica pelo texto de Plínio, quanto mais não seja pela maneira segura como este as cita⁽³⁾, o que pode

(1) Ernout e Meillet, *Dict. Etym.*, s. v. *carrus*.

(2) Não devia ser avultada a quantidade de ouro extraída das minas da Península, apesar das cobiças que estas inicialmente despertaram e de cedo muitas delas passarem para propriedade do Estado (V. Chapot, *Le Monde Romain*, p. 189); não chegaram até nós notícias muito gratas dos resultados da sua exploração, tanto mais que as dos Balcãs as excederam depois, o que não devia ser difícil, porque muitos dos mananciais auríferos da Hispânia estavam a esgotar-se. Hoje essas minas ou têm importância reduzida, ou deixaram de ser exploradas. Plínio refere-se ainda ao ouro de aluvião do Tejo (1. xxxiii, 66): «fluminum ramentis, ut in Tagi Hispaniae, Pado Italiae...». Pomponio Mela também tratou do mesmo assunto, mas acrescentando o pormenor das pedras preciosas trazidas pelas águas do rio: «...et Tagi ostium, amnis gemmas aurumque generantis», *De Situ Orbis*, III, 1. No século XII, Edrici observou o mesmo fenómeno: «Situada nas proximidades do Oceano, esta cidade (Lisboa) tem na sua frente, na margem oposta, o forte de Al-Ma'adan (Almada, isto é, o manancial), assim chamado porque, com efeito, o mar lança palhetas de ouro na margem», p. 223.

(3) Todos os vocábulos relativos à *Mineração do Ouro* se podem documentar no texto plíniano, sobretudo no livro xxxiii, onde são freqüentes as alusões à existência daquele metal na Península Hispânica.

mostrar uso corrente já no seu tempo (aquele escritor morreu no ano 79 d. C.).

Um assunto há, porém, que parece não ter preocupado os Romanos na Península: a vida marítima, pois, exceptuando *baia* e, de certo modo, *tunna*, nada encontramos que lhe diga especialmente respeito. Não é impossível que para isso muito concorresse também o atrasamento possível dos indígenas nessa actividade.

Parece crível, depois de meditar diante do quadro atrás apresentado, que o Romano da Península, sobretudo o da época de Plínio, se esforçava por conhecer a orografia, a flora e a fauna locais, ao mesmo tempo que explorava intensamente o subsolo à procura do precioso metal; usava também armas, medidas e carros, o que, no entanto, não implica necessariamente vida nómada, pois a existência da *cama* e a da celha de banho (*durela*) ⁽¹⁾ podem talvez fazer crer no contrário.

JOSÉ PEDRO MACHADO.

(1) Apesar de se documentar o uso d'este objecto, registamos a existência da *sarna*.

AUTORES LATINOS UTILIZADOS

- AULO GÉLIO — *Oeuvres Complètes*. Paris — Garnier. S. d.
- CÉSAR (C. J.) — *Guerre des Gaules*. Paris — Hachette. 1929. Juntamente: o *Liber Octavus* da mesma obra da autoria de Hirtius.
- CÍCERO (M. T.) — *Selecta Opera Philosophica*. (De Officiis, De Senectute, Paradoxa ad M. Brutum, Somnium Scipionis, Tusculanarum liber). Lugduni. 1810.
- COLUMELA (L. J. M.) — *Rei Rusticae Scriptores*. Ed Schneider. 1794.
- ESTÁCIO (P. P.) — *Thebais*. Ed. Klotz. 1908.
- FESTO — *De Verborum Significatione*. — Avctores Latinae Lingvae in Vnum Redacti Corpus. Genevæ. 1622.
- GEOG. DE RAVENA — *Ravennatis Anonimi Cosmographiae Graecae Versio Veterior*. Ed Pinder — Parthe. 1860.
- HIRTIUS — Cf. César.
- S. ISIDORO — *Isidori Hispanensis Episcopi. Originum sive Etymologiarum Liber I. Avctores Latinae Lingvae In Vnum Redacti Corpus*. Genevæ. 1622.
- ITIN. ANT. — *Antonini Itinerarium*. Ed Parthey et Pinder. 1848.
- LAHÉRIUS (D.) — *Scaenicae Roman. Poesis Fragmenta*. Ed Ribbeck. (*Comicorum latinorum fragmenta*).
- LUCANO (M. A.) — *Pharsalia*. Ed. Hosius. 1905.
- MARCIAL (M. V.) — *Epigrammaton*. Lipsiae. Teubner. 1876.
- MARCIANO — Ed. Huschke (*Jurisprudentiae antijustinianae quae supersunt*).
- MELA (POMPÓNIO) — *De Situ Orbis*, na *Bibliothèque Latine-Française*. Paris - Panckoucke. 1843.
- PALLADIUS (R. T. A.) — *Opera*. Ed. Schmitt. 1898.
- PÉRSEO — Ed. Jahn-Bücheler, 3.^a ed. 1893.
- PLÍNIO — *Naturalis Historia*. Lipsiae. Teubner. 1870.
- QUINTILIANO (M. F.) — *De Institutione Oratore*. Ed. Meister. 1887.
- SALÚSTIO — *Bellum Catilinae, Bellum Jugurthinum*. Olisipone. Ex typographia Publica. 1901.
- SOLINO (C. J.) — *Collectanea rerum memorabilium*. Ed. Mommsen. 1895.
- SUETÓNIO — *Les Douze Césars*. Paris. Garnier. 1931.
- VARRÃO — *De Re Rustica* (Ed. Keil. 1891); *De Lingua Latina* — Avctores Latinae Lingvae in Vnum Redacti Corpus. 1622.
- VEGÉCIO — *Ars veterinaria sive mulomedicina* — Scriptores rei Rusticae, ed. Schneider. 1797.